

■ Esperança de muitos doentes é doador desconhecido

Portadores de leucemia e outras doenças graves do sangue, sem irmãos ou possibilidade de sofrerem autotransplante, têm a doação de medula óssea de voluntários como a última esperança de vencer a doença letal e silenciosa. Para isso contam com o Registro Brasileiro de Doadores de Medula (Redome). É o caso de Guilherme Farias, 1 ano e 10 meses. O garoto é filho único e portador de uma hemopatia grave e rara em crianças, a leucemia mielóide aguda (LMA), do tipo 7, que implica

necessidade de transplante.

O diagnóstico da doença veio há cinco meses. Sem a chance de receber autotransplante e sem irmãos – doadores 100% compatíveis –, o menino espera para entrar na estatística dos doentes salvos por desconhecidos:

– Ele está pronto para receber o transplante – diz Débora Farias, mãe de Arthur.

O menino é submetido a sessões semanais de quimioterapia, já que é portador do tipo mais agressivo de leucemia. No quarto em que es-

teve internado na semana passada, havia outras cinco crianças, das quais três esperavam por um transplante.

Esperança – Agora a família de Arthur Guilherme espera pela confirmação de um possível doador. O desconhecido é a quarta possibilidade mostrada pelo Redome. As várias chances tendem a aumentar, até 2007, já que o Ministério da Saúde espera alcançar a meta de 300 mil doares.

De acordo com o coordenador do Sistema Nacional de Trans-

plantes do Ministério da Saúde, Roberto Schilindwein, o número garantirá, ao Brasil, a auto-suficiência em transplantes:

– Buscamos deixar de depender dos bancos internacionais de medula – diz Schilindwein.

Segundo ele, a relação entre oportunidade de doações e número de pessoas é diretamente proporciona:

– Quanto mais pessoas de diferentes regiões integrarem a lista, maiores as chances de salvar vidas. Eis aí o motivo da gravidade de ficar de fora do Redome.